



Comunicando sobre Biotecnologia para Convencer

O setor de base florestal, onde se incluem os fabricantes de celulose e papel, madeira serrada, painéis de madeira e muitos outros produtos derivados das madeiras dos eucaliptos e pinheiros, sempre foi conhecido como tendo muitas dificuldades para comunicação com as partes interessadas da sociedade. Esse fato é antigo e as pessoas do setor reconhecem isso, pois têm dificuldades até mesmo em seus lares para informar seus familiares sobre os aspectos de sustentabilidade do setor. Tenho também observado as dificuldades, às vezes, até mesmo a falta de vontade ou de coragem, para as pessoas exporem suas ideias e argumentos em fóruns de debates, audiências públicas, mídia televisiva, etc. Isso vem acontecendo tanto em temas ambientais, como tecnológicos e principalmente de sustentabilidade socioambiental. Foram diversas as crises que o setor teve que enfrentar e se posicionar em relação a aspectos dos processos industrial e florestal, que apresentavam algum tipo de ansiedade para a sociedade. Os principais e mais lembrados são aqueles relacionados aos seus poluentes aéreos (odor) e hídricos (contaminantes perigosos), ao processo de branqueamento da celulose com cloro (geração de dioxinas e furanos), ao plantio de florestas homogêneas (monocultivos) e finalmente agora, em relação aos organismos geneticamente modificados.

Na maioria dos casos, o setor de base florestal teve dificuldades para se mostrar proativo e receptivo, muitas

vezes se posicionando de forma reativa e inadequada. É comum a prática do “low profile”, às vezes até mesmo do “no profile”, que mais ou menos significa “deixar que o tempo permita que as coisas se resolvam pelo esquecimento”.

Os aspectos dos impactos ambientais nas florestas e nas fábricas e a crise das dioxinas e furanos foram resolvidos por mudanças tecnológicas e por procedimentos técnicos importantes, os quais foram sendo gradualmente implementados em pelo menos duas décadas. Também foram importantes as certificações ambientais e florestais, que foram abraçadas pelo setor. Apesar das dificuldades nas comunicações, os processos críticos vêm-se resolvendo com “trabalho de campo” paciente e eficiente e dá para perceber claramente que não se muda a opinião pública com um passe de mágica, até mesmo porque não existe varinha de condão.

Os bons exemplos são as melhores formas de se conseguir mudanças de posicionamento dos que criticam nossas práticas e tecnologias. Quaisquer que sejam os interlocutores nos processos de comunicação, eles sempre serão receptivos a conhecerem exemplos de sucesso comprovado, com sustentabilidade não apenas empresarial, mas principalmente socioambiental. Quanto mais exemplos positivos se tiverem, sendo eles comunicados ao público em um período de tempo longo, mais facilmente se dissipam as ondas de negativismo e melhor fica a imagem de quem necessitar esse tipo de mudança.

A biotecnologia tem oferecido à sociedade humana inúmeras oportunidades de melhoria de desempenhos agrícolas, florestais, alimentícios, zootécnicos e também na medicina. Agora, com o crescimento dos conhecimentos científicos e tecnológicos na área da engenharia genética, surge mais um fator de dissonância com o público geral, que precisa não apenas de comunicação, mas de entendimento e convencimento a quem sobre ele tiver inquietudes. Trata-se da transgenia, que tem mostrado dificuldades até mesmo no entendimento do que significa essa palavra nova e difícil por parte de inúmeros cidadãos do planeta.

As modificações genéticas em organismos têm mostrado excepcionais oportunidades de ganhos para a agricultura, silvicultura, medicina, produção de alimentos e processos industriais dos mais diversos. São oportunidades que não podem e não devem ser desperdiçadas para poder garantir a sustentabilidade do ser humano no planeta. Algumas dezenas delas já vêm sendo implantadas na medicina, na produção de vacinas, de enzimas, de fármacos, etc. Existem sucessos no desenvolvimento de plantas resistentes a doenças,

pragas, rigores climáticos, etc. A biotecnologia, e não apenas a transgenia, mostra enormes potenciais para o setor de base florestal, tanto em suas fábricas como florestas. Isso é absolutamente inegável. Os ganhos não são apenas para as empresas do setor, mas para toda uma população de pessoas que continua a crescer de forma incontrolada e necessita dos produtos e serviços oferecidos pelas florestas, quer sejam as plantadas ou as naturais.

Certamente, a tarefa de mudar de forma correta e eficiente as tecnologias, processos, organismos e opinião pública não é algo simples. Haverá mais do que nunca a necessidade de um esforço coordenado e coletivo nesse sentido. Não há como se querer fazer isso tudo individualmente e sem uma orquestração maior. Tampouco funciona delegar tudo para uma entidade de classe, provendo apenas verbas e nada mais.

As empresas que acreditam no sucesso dessas novas ferramentas biotecnológicas precisam deixar de lado a excessiva cautela em “guardar suas descobertas para si mesmos e pouco falarem sobre isso” e se comportarem de forma oposta, ou seja: expondo, argumentando, criando e fornecendo bons exemplos – esse é em meu ver o caminho que devemos trilhar em direção a um futuro mais biotecnológico.

É bem possível que ainda neste século 21 tenhamos uma inimaginável quantidade de seres vivos aperfeiçoados pela engenharia genética. Isso desde o nível de microrganismos trabalhando nos tratamentos de resíduos e efluentes até os seres superiores na cadeia evolutiva, pelos avanços da medicina e veterinária. Não há que se ter medo do futuro. Não podemos ter medo de nos arriscar em obter melhores futuros, pois em muitos casos, a inércia ou a falta de coragem nos levarão a futuros de pior qualidade de vida.

Portanto amigos, temos que ter muita responsabilidade e proatividade para gerenciar e atuar nesse processo, inserindo em nossos desenvolvimentos científicos e tecnológicos a missão de prover esclarecimentos entendíveis e absolutamente honestos e transparentes para a sociedade. Isso se consegue de forma coletiva, contínua e sustentada. Não se trata apenas de um processo de comunicar através de campanhas publicitárias de milhões de dólares gastos na mídia, mas sim de um trabalho de muitas formiguinhas, que juntas estarão ajudando a valorizar os novos processos tecnológicos que se apoiam na biotecnologia. Esse dever começa em nossas empresas e lares. Algo similar ao que aconteceu no mundo da eletrônica, onde os bons exemplos com os telefones celulares, notebooks, televisores, etc. foram convencendo a sociedade de que as tecnologias eram boas e mereciam substituir

as tecnologias antigas e obsoletadas. Dificilmente a ciência ou a indústria por si só vão conseguir fazer isso, tampouco comunicadores que não entendam nada do que sejam essas tecnologias novas. Por isso, o melhor a fazer é buscar a união, ainda que em alguns casos estejamos competindo pelos mesmos mercados. ■

CARLOS BRÁS

Sócio n.º 474



Incêndios

Os incêndios florestais continuam a ser um flagelo em Portugal. Ano após ano, sempre que as temperaturas sobem, assistimos à destruição de florestas, de habitações e infelizmente à perda de vidas humanas. Movimentam-se meios, que por muitos que sejam, são sempre escassos para fazer face a situações dramáticas onde o fogo avança sobre as povoações, destruindo tudo o que encontra no seu caminho.

É a altura em que ministros, autarcas, políticos no governo ou na oposição lamentam o sucedido, prometem medidas, nomeiam grupos de trabalho, culpabilizam-se mutuamente e garantem que no próximo Verão tudo será diferente.

Já se fizeram todos os diagnósticos possíveis sobre as causas desta tragédia que anualmente nos visita. Existem espalhados pelos gabinetes ministeriais relatórios de várias entidades que fizeram a análise das causas e apontaram propostas de solução. Muitas coisas têm sido feitas, só que mais do lado do combate e pouco do lado da prevenção.